

DESCONTRUINDO PAPÉIS DE GÊNERO E FOMENTANDO O PROTAGONISMO DAS MULHERES: ENTRE A EDUCAÇÃO LIBERTADORA E A PEDAGOGIA FEMINISTA

DANIELE REHLING LOPES¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹ Mestranda em Educação / Faculdade de Educação / UFPel – danielerehling08@yahoo.com.br

² Profa. da Faculdade de Educação / UFPel – Orientadora – prof.marciaalves07@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar os resultados de oficinas sobre feminismo realizadas pelo movimento feminista da cidade de Pelotas, no Projeto de Extensão Curso Popular Desafio Pré-vestibular da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2014.

Trata-se aqui de um recorte de uma pesquisa maior que está sendo desenvolvida no Curso de Mestrado em Educação da UFPel, onde essa experiência tem sido problematizada com o objetivo de propor e refletir sobre a construção de uma pedagogia feminista.

O projeto de extensão Desafio Pré-vestibular existe há 22 anos na Universidade Federal de Pelotas e tem como origem e princípios na sua construção a educação popular como compreensão metodológica, política e crítica da educação.

Assim, no ano de 2014, a partir da construção da *Marcha das Vadias* na cidade e, especificamente, o grupo de mulheres que estava organizando-a foram convidadas a desenvolver oficinas no Curso Desafio, chamadas de atividades “pré-marcha”, com o intuito de dialogar com a parcela da população que não é universitária, sobre desigualdade de gênero e as diversas formas de violências sofridas pelas mulheres. Tendo como propósito também, compreender o papel central que uma proposta popular de educação, como é o caso do Desafio, tem efetivado ou não em relação aos debates de opressões históricas e sociais.

2. METODOLOGIA

Tendo em vista que o objetivo central da pesquisa é compreender e avaliar as oficinas pedagógicas desenvolvidas a partir da atuação do movimento feminista no Desafio Pré-vestibular, buscando investigar se as ações realizadas auxiliaram na formulação de uma pedagogia feminista, considerando o empoderamento feminino, as vivências e inquietações das educandas do curso, as relações conflituosas existentes historicamente sobre o *ser mulher*, e principalmente das relações de poder que perpassam as histórias de vida desses sujeitos, é que optou-se pela pesquisa qualitativa, a qual se mostra, uma ferramenta essencial para as descobertas aqui pretendidas e mais especificamente a pesquisa participante, por compreende-la de forma não imparcial e que estabelece outras relações de pesquisa, como a não mais dicotomia pesquisador-objeto, mas sim horizontalmente, sujeito pesquisador - sujeito participante da pesquisa (BRANDÃO, 2006).

Dessa forma, a coleta de dados sobre as avaliações das oficinas a partir das educandas e educandos do curso, ocorreu através das anotações que estas/estes fizeram ao final de cada oficina, quando solicitadas/os a escreverem

sobre o que haviam achado, como haviam se sentido após as atividades e também através do meu diário de campo, onde foram descritas pontos importantes da observação realizada.

Foram realizadas ao longo de três meses aproximadamente, quatro oficinas com temas variados relacionados com questões de gênero, dentre eles a temática da história do feminismo; a construção dos papéis de gênero; sobre a marcha das vadias e suas diversas pautas e ainda sobre legalização do aborto/estatuto do nascituro.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as dezenove avaliações escritas, três eram meninos, dado que é importante levantar para demonstrar que os resultados das colocações das meninas endossam características de opressão e de empoderamento que são restritas às mulheres historicamente. Assim, as categorias principais de análise que apareceram entre os resultados provocados nas meninas, estavam relacionadas com: uma maior segurança pra enfrentar as desigualdades cotidianas; maior conhecimento sobre o assunto que diz respeito diretamente com a vida delas; descoberta das possibilidades de luta e de resistência que até então eram desconhecidas e como isso fomentou mais coragem nelas; a ausência desse debate em todas as esferas da vida social e a satisfação delas em poder ter esse espaço para discutir. Os meninos, por sua vez apontaram na suas avaliações que as oficinas proporcionaram novos conhecimentos.

De uma forma geral as avaliações escritas pelas meninas indicam a importância desses espaços e que eles produzem não só conhecimento ou trazem informações, mas motivam e encorajam mais mulheres a enfrentarem as desigualdades sociais colocadas, o que implica de uma forma coletiva e individual no empoderamento feminino, pois está consolidada socialmente uma estrutura social e sexual de “contrato de submissão” que não diz respeito apenas à esfera privada, como é difundido normalmente, pois o patriarcado, - poder baseado na suposta superioridade masculina – está sim, intimamente relacionado com o público, e não menos, está impregnado no Estado de uma forma geral. (SAFFIOTTI, 2004)

Para desnaturalizar a dominação-exploração das mulheres e assim, consequentemente enfrentar as diferentes formas de violência contra elas, é necessário um conjunto de ações que problematizem essa patriarcalização das esferas sociais, para irmos no sentido contrário, o da despatriarcalização e libertação.

E é nesse sentido de construção pedagógica engajada pelo poder dominante, em inúmeras tentativas de subalternização de alguns grupos em detrimento da manutenção de privilégios de outros, é que ocorre o processo de naturalização da superioridade masculina tendo suas justificações legitimadas por esse poder patriarcal através da construção social da inferioridade feminina, que é naturalizada na nossa sociedade. (SAFFIOTTI, 1987).

A problematização que este trabalho busca avançar é centralmente no debate histórico de educação libertadora que Paulo Freire (2011) nos propõe, pensada como o método da Pedagogia do Oprimido enquanto ferramenta de empoderamento dos educandos numa outra forma de compreender o ensinar-aprender a partir do diálogo, da contextualização e compartilhamento de saberes, mas que de forma muito sutil e frágil pouco desenvolveu ao longo do tempo a perspectiva de introduzir as temáticas de gênero/raça/sexualidade na sua

formulação, ainda que o debate de classe, - principal direcionamento da educação popular – não seja menos importante, é preciso reinventar os processos pedagógicos a partir das demandas que surgem. E é nesse sentido que inovadoramente nasce a pedagogia feminista, que é de acordo com Sanderberg,

[...] entendida como o conjunto de princípios e práticas que visa conscientizar indivíduos, tanto homens como mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e assim, atuarem de modo a que construam equidade entre os sexos. (SANDERBERG, 2006, p.46)

As falas das participantes das oficinas nos trazem uma nova esperança de construirmos *outra pedagogia* para *outros sujeitos*, como salienta Miguel Arroyo (2012), e a possibilidade das oficinas pedagógicas feministas auxiliarem nesse caminho, desconstruindo relações de poder historicamente consolidadas.

4. CONCLUSÕES

Precisamos compreender que as intervenções do movimento feminista e de propostas pedagógicas feministas nada mais são do que estímulos, auxílios, no (re)conhecimento já existente de que esses oprimidos, em diferentes situações sociais e históricas são detentores de saberes populares, cultura, valores e que entre si podem, de forma coletiva, através de diferentes técnicas e dinâmicas, nesse caso específico das oficinas, mas expandindo-as, encontrar os mecanismos de libertação, também coletiva.

Ressaltamos a importância de se abordar a temática das desigualdades de gênero, mesmo em um espaço que se propõe a implementar uma proposta de educação libertadora, como é o caso do Desafio Pré-vestibular, pois ali também se reproduz a lógica machista, já que é um espaço social que não está descolado das relações sociais mais amplas estabelecidas na nossa sociedade.

Para tanto, precisamos seguir cada vez mais refletindo e ressignificando a educação popular e especificamente no caso do Desafio, refletindo-se o que entendemos por popular e emancipador: se é apenas garantir o acesso das pessoas oprimidas à Universidade, ou se queremos ir além, se queremos sujeitos que problematizem o seu entorno e que assim modifiquem radicalmente as práticas opressivas.

Essa é a proposta da pedagogia feminista: fomentar o protagonismo das mulheres e o debate sobre elas na educação, que consequentemente deixará de ser sexista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Vozes, 2012.
- BRANDÃO, C. R. (Org.); STRECK, Danilo (Org.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Idéias & Letras, 2006. 295p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 2011.
- SAFFIOTTI, Heleith. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAFFIOTTI, Heleith. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo. Fundação Perseu Abramo. 2004.
- SARDENBERG, Cecília. Pedagogias feministas: uma introdução. In: VANIN, Iole; GONÇALVES, Terezinha. **Caderno Gênero e Trabalho**, REDOR, p 44/57, 2006.

